MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

UFGD editora

DOI: 10.30612/rmufgd.v11i22.14971

A transição tunisiana nos discursos da mídia ocidental: 10 anos de expectativas e Orientalismos

The Tunisian transition in the Western media discourses: 10 years of expectations and Orientalisms

La transición tunecina por el discurso de los medios occidentales: 10 años de expectativas y orientalismos

Leonardo Pagano Landucci
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Processo nº 2019/26061-2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)
Franca, São Paulo, Brasil
E-mail: leonardo.landucci@unesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7298-9300

Elizabete Sanches Rocha
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Franca, São Paulo, Brasil
E-mail: elizabete.sanches@unesp.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1291-4419

Resumo: Pensar nas relações discursivas entre o Oriente e o Ocidente é conceber um jogo profundo de interesses e representações, de ação e reação. Dez anos após o início do evento que ficou conhecido ocidentalmente como "Primavera Árabe", a Tunísia vem passando por diversas mudanças em seu arranjo político e seu papel em tais relações foi revitalizado. Ao mesmo tempo que rompia com noções Orientalistas, a partir da definição de Edward Said (2007), a transição tunisiana tornou necessários maiores esforços de deturpação discursiva por parte da imprensa dos Estados Unidos nesse jogo. Com isso em mente, o objetivo principal do artigo é o de discutir o papel da expectativa ocidental na formulação do Oriente, alinhado, portanto, com a

teoria Construtivista e com a Análise do Discurso Francesa e tendo como foco analítico este período de mudança na Tunísia. Transbordando o objeto em questão, o artigo, nesse sentido, busca debater quais são os atores que detêm voz no Sistema Internacional e, por conseguinte, retêm para si o poder da representação.

Palavras-chave: Orientalismo; discurso midiático; Tunísia.

Abstract: Reflecting on the discursive relations between East and West is to conceive a profound game of interests and representations, of action and reaction. Ten years after the beginning of the event westernly known as “Arab Spring”, Tunisia has gone through several changes in its political arrangement and its role in that relation has been revitalized. At the same time that the tunisian transition disrupted Orientalist notions, from an Edward Said (2007) definition, it made necessary great efforts of discursive misrepresentation from the United States press in this game. Acknowledging that, the purpose of this article is to discuss the western expectations role in the creation of the East, aligned, therefore, with the Constructivist theory and the French Discourse Analysis and focusing on this period of change in Tunisia. Surpassing this object, this article, in that way, seeks to debate which actors have the voice in the International System and, therefore, have the power of representation.

Keywords: Orientalism; mediatic discourse; Tunisia.

Resumen: Pensar las relaciones discursivas entre Oriente y Occidente es interpretar un complejo juego de intereses y imagenes, de acción y reacción. Diez años después del inicio del evento que se conoció en Occidente como la “primavera árabe”, Túnez aun se encuentra experimentando diversos cambios en su arreglo político y además de su rol transformado en dichas relaciones se ha revitalizado. Al mismo tiempo que rompía con las nociones orientalistas, a partir de la utilización de Edward Said (2007), la transición tunecina requirió mayores esfuerzos de distorsión discursiva por parte de la prensa estadounidense en este juego. Con esto en mente, el objetivo principal del presente artículo es discutir el papel de la expectativa occidental en la formulación de Oriente, alineado, por lo tanto, con la teoría constructivista y con el análisis del discurso francés, y teniendo como enfoque analítico este período de cambio en Túnez. Desbordando el objeto en cuestión, el artículo, en este sentido, busca delinear cuáles son los actores que tienen voz en el Sistema Internacional y, por lo tanto, conservan el poder de representación para sí mismos.

Palabras llave: Orientalismo; discurso mediático; Túnez.

Recebido em: 19/07/2021

Aceito em: 08/07/2022

INTRODUÇÃO

Como consequência de décadas de lutas políticas, Ben Ali fugia para a Arábia Saudita, em 14 de janeiro de 2011, consagrando um marco para a transição política tunisiana. Após dez anos das revoltas ocidentalmente conhecidas como "Primavera Árabe", ainda podemos sentir as marcas materiais e intersubjetivas[1] deixadas pelo embate não apenas político, mas também discursivo, de tal processo. Isso porque todo esse movimento foi um dos responsáveis por ajudar a desmantelar a crença acadêmica e cultural sobre a Tunísia, acerca do "inelutável caráter submisso do povo dominado à sua liderança carismática ou de legitimidade religiosa" (SCHIOCCHET, 2011, p. 43).

Essa importância intersubjetiva está presente e fica evidente nos mais diversos discursos da *Thawra*[2] e da transição política tunisiana. É importante pontuar que o conceito de discurso apresentado aqui é o foucaultiano e gira em torno de um "jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta" (BRANDÃO, 1995, p. 37). O jogo de ação e reação e a luta pelos (dis)cursos dos eventos, dentro do contexto da transição tunisiana, como buscaremos apontar, não ficaram restritos ao caráter local, mas transbordaram em narrativas intersubjetivas inerentes ao arranjo social internacional[3].

Nesse sentido, para além de toda a conquista política nacional, a *Thawra* e a transição tunisiana também foram lutas por voz dentro de um cenário discursivo mundial dominado pelo Orientalismo. Cabe ressaltar que por Orientalismo nos referimos a "um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica entre o "Oriente" e (...) o "Ocidente"" (SAID, 2007, p. 29), podendo ele estar presente, como Said (2007) ressalta, em diversos espaços discursivos.

A questão do Orientalismo torna o estudo acerca da transição tunisiana na visão ocidental ainda mais necessário quando analisamos a teoria do Choque de Ignorâncias, segundo Said (2001) e Eid e Karim (2012) (2014). A partir dela, podemos entender de que forma o Orientalismo foi utilizado para fomentar o desconhecimento e aprofundar as diferenças em sociedades cujas raízes se intersectam em diversos âmbitos. Nesse sentido, é estabelecida uma ação e

1 Para "intersubjetividade" utilizamos o sentido dado por Adler (1999), sendo este relativo ao conhecimento compartilhado por indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, classe ou país, apresentando caráter formulador das relações sociais e sendo construído pelas mesmas.

2 Termo utilizado para a revolução pelos próprios manifestantes, como aponta Alhassen (2012), "revolução" em árabe.

3 O termo em questão aparece como uma substituição de "estrutura". Já que, segundo Onuf (2013), a terminologia "arranjo" infere, de fato, a ideia de construção social defendida por construtivistas.

CC BY NC SA

reação ao redor da imagem do Eu e do Outro, cujo intercâmbio positivo é inviável, impossível e, principalmente, indesejável.

O Choque de Ignorâncias nos é relevante para pensarmos o papel do discurso na relação entre o Eu e o Outro, visto que "a mídia do Eu e outros canais de discurso público são elementos chave para a disseminação de imagens que, geralmente, espelham aquelas produzidas pelo Outro" (EID, KARIM, 2012, p. 11, tradução nossa). Portanto, é relevante pensarmos a mídia como um veículo para esse jogo de ação e reação foucaultiano[4], assim como discutirmos seu alcance em nível nacional e internacional em um sentido intersubjetivo.

Nesse sentido, é importante ressaltar a relevância da mídia como um importante ator internacional, cuja atuação vai além do "informar", apresentando um papel fundamental na construção intersubjetiva, conforme Thussu (2000) e Castells (2009). Por essa razão, os veículos informacionais empreenderam esforços hercúleos para construir suas versões da transição tunisiana, a partir de seus interesses e dos objetivos daqueles políticos que os apoiam e, em alguns casos, reforçando a visão que toma como base o Orientalismo nos termos de Said (2007), segundo Salaita (2012, p. 143).

Uma teoria responsável por explicar essa importância da mídia como ator internacional é o chamado Efeito CNN. Tal proposta é responsável por explicar como os veículos midiáticos afetaram, por exemplo, a formulação de políticas na transição tunisiana, em nível de rapidez de resposta, determinação de agendas ou desenvolvimento de uma opinião pública, segundo Zingarelli (2010). Por conta do papel fundamental da rede *Cable News Network* (CNN) na cobertura da Guerra do Golfo e na Guerra do Iraque, a mesma se estabeleceu como um forte ator internacional aliado aos interesses dos Estados Unidos, segundo tal teoria.

Nesse sentido, como ressaltado em Landucci e Rocha (2021), a mídia apresenta uma dupla atuação no cenário internacional. A primeira como agente, alterando relações sociais e afetando os discursos mundiais e a segunda como um espaço de atuação estatal, visto que, quando o consenso é adotado intersubjetivamente, certos discursos servem como extensão do poderio de um país. Partindo das ideias de Said (1997), o jornalismo dos Estados Unidos ao adotar, por meio do consenso, a ideia da hegemonia americana, acaba afetando discursos mundiais e tornando a mídia um espaço de luta pela dominação do Outro.

4 Como Brandão (1995, p. 36, 37) pontua, mesmo que Foucault não tenha focado no discurso como um problema da área da linguística, suas contribuições e ideias foram muito fecundas para o desenvolvimento do pensamento discursivo, tal qual a definição que usamos aqui, que também é fruto de seu pensamento, sendo, portanto, uma noção foucaultiana.

Tendo em vista a importância da mídia dos Estados Unidos, portanto, a CNN foi escolhida como o veículo midiático analisado por este artigo. Para além disso, o impacto numérico também justifica a escolha da CNN para o presente artigo. Em maio de 2019, em uma análise publicada acerca dos acessos ao *site* do veículo midiático, ficou evidente a sua presença forte na sociedade americana, de acordo com a CNN Digital (2019). Com 43 milhões de visitantes para sua seção de política e 124 milhões de acessos totais ao site em abril do mesmo ano, a CNN superou toda a concorrência em âmbito digital, competindo com as novas mídias, inclusive, que foram importantes para a expansão das ideias da *Thawra*. Tais dados expõem a relevância de tal *site* para o conhecimento intersubjetivo dos Estados Unidos e do mundo, em geral.

Desse modo, o objetivo principal do presente artigo é o de discutir o papel da projeção dos interesses, a partir das expectativas, no formato do discurso da mídia, que se autodenomina "ocidental", na formulação do Oriente Médio e Norte Africano. Esta análise concentra-se em aspectos de âmbito político, cultural e discursivo, compreendendo o espectro mais recente do Orientalismo midiático, aos moldes de Said (2007).

Além disso, o artigo toma como base as noções do Construtivismo das Relações Internacionais e se fundamenta também na Análise do Discurso Francesa, com foco para as propostas de recorte quantitativo e análise qualitativa de Souza (2004), Maingueneau (2004) e Charaudeau (2013). Com isso explicitado, pretende-se responder à seguinte pergunta: quais as consequências das expectativas, a base das ideias do Orientalismo de Said, da mídia do Ocidente para a concretização da transição tunisiana?

Com tais questões em mente, o presente artigo busca evidenciar os discursos acerca da transição tunisiana em três construções centrais, representados pelas três sessões que se seguem após uma breve introdução sobre o Orientalismo, o discurso e a Tunísia. A primeira reconstrói as narrativas relacionadas às expectativas de expansão da democracia e do excepcionalismo tunisiano. Na segunda seção, focaremos nos discursos relacionados ao medo do Islã e ao papel do Movimento *Ennahda* para a mudança das expectativas ocidentais. Finalmente, antes de nossa conclusão, discutiremos os entornos do discurso do terrorismo e da violência como prenúncio para o que ficou conhecido por alguns comentadores como "Inverno Árabe", assim como a narrativa de derrota da *Thawra* e da transição tunisiana.

ORIENTALISMO, DISCURSO E A TUNÍSIA PRÉ-REVOLUCIONÁRIA

Como já mencionamos, a definição de discurso utilizada no presente artigo floresce a partir da Análise do Discurso Francesa, mais especificamente das contribuições de Brandão

CC BY NC SA

(1995) e Orlandi (2005). Para entendermos a maneira pela qual o Orientalismo entra neste complexo jogo de ação e reação, precisamos entender alguns conceitos básicos da Análise do Discurso Francesa, cujo sentido dará base para as análises e discussões da participação da mídia ocidental.

A primeira delas é a formação discursivo-ideológica, conceitualizada como a visão de mundo (intersubjetividade) do grupo que propaga tais discursos e que pode falar em tal contexto, a partir de Brandão (1995). De acordo com Said (1997), a mídia ocidental e seus jornalistas se colocam como uma extensão da superpotência estadunidense e, nesse sentido, a formação discursivo-ideológica padrão da mídia do país será a disseminada pela política externa do governo. De tal maneira, é possível perceber, unindo tais conceituações, que a visão de mundo propagada na mídia ocidental tradicionalmente reside, principalmente, na essencialização e na retirada do contexto histórico da discursividade, segundo Said (2005), pautando-se no Orientalismo.

Nesse sentido, um segundo conceito da Análise do Discurso Francesa fica evidente e correlacionado: o das condições de produção, o contexto sócio-histórico ideológico, de acordo com Brandão (1995) e Orlandi (2005). Neste caso em questão, onde o contexto é pautado na hegemonia dos Estados Unidos e na tentativa de perpetuação da mesma, tais condições favorecem interpretações que surgem a partir do distanciamento e de uma postura de superioridade em relação ao Oriente Médio e Norte Africano frente aos mais diversos eventos contextuais na região. Por consequência, as populações da região são colocadas como objetos discursivos, e não agentes, aprofundando, assim, lógicas de dominação construídas no Sistema Internacional.

Finalmente, dentro da lógica discursiva existem os interdiscursos, recorrentes e aceitos dentro do meio midiático por serem comuns ao espaço intersubjetivo. Esse conceito é definido como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2005, p. 33). Nesse sentido, o uso dos interdiscursos reforça as perspectivas de conhecimento intersubjetivo, como é o caso do Orientalismo, frente a visões menos ignorantes dos fatos, facilitando a aceitação dos discursos pela população dos Estados Unidos.

Ainda acerca desses três conceitos basilares, ao analisarmos as condições de produção, a formação discursivo-ideológica dos Estados Unidos sobre a Tunísia na época e os interdiscursos estabelecidos, importantes fatores surgem para a discussão. O primeiro fator interessante para a análise é a percepção da Tunísia pré-revolucionária dentro do imaginário intersubjetivo da nação norte-americana.

CC BY NC SA

A partir das noções de Onuf (2013, p. 15) sobre regras no Sistema Internacional, havia uma relação de comprometimento entre os Estados Unidos e a Tunísia sob o governo de Ben Ali. Em tal comprometimento, a primeira nação fornecia apoio ao governo por meio de incentivos nas áreas da economia e segurança, enquanto a Tunísia, sob o regime de Ben Ali, serviria aos interesses de controle do Islã Político na região, por meio da força. Dessa maneira, apesar de ter sua população tratada como bárbaros ou terroristas pela mídia, a Tunísia servia a um propósito importante para a política externa dos Estados Unidos, como reforça Salaita (2012, p. 134).

Nesse sentido, ao estourar da *Thawra*, o sentimento de confusão tomou conta das narrativas sobre os eventos. De acordo com Botelho (2011), a participação inicial dos Estados Unidos, e de sua mídia, nas revoluções significaria

> um erro de omissão que sugeriria ou uma insensibilidade particularmente aguda por parte do aparelho diplomático e de outros serviços cuja função primordial é a de ler as dinâmicas das sociedades observadas, ou, ainda mais grave, um grau de autismo analítico por parte dos processadores dessas informações e dos decisores políticos que nelas se baseiam (BOTELHO, 2011, p. 118).

Outra hipótese, que pode ser entendida a partir de uma noção intersubjetiva de discurso, é a do peso da '*Tunisianité*' ou '*hawiyya attounsia*', em árabe. De maneira breve, tal conceito pode ser entendido como o fruto da intersubjetividade acerca da identidade nacional tunisiana. Como Zemni (2016) e Cavatorta e Merone (2015) explicam, tal conceito foi responsável por propiciar a execução da agenda autoritária dos governos anteriores à *Thawra* e criar a ideia de uma Tunísia aliada à agenda de Direitos Humanos e liberdades individuais dos Estados Unidos.

Para todos os efeitos, nossa análise partirá dos momentos posteriores a esse choque inicial, quando a ideia de uma '*hawiyya attounsia*' imposta autoritariamente por meio do silenciamento, nos termos de Orlandi (2005), não era mais viável e, portanto, o atraso na cobertura de tais eventos significaria uma perda de audiência considerável. Iniciamos, portanto, após a fuga de Ben Ali, que alterou a percepção dos Estados Unidos, mostrando que uma demora na tomada do (dis)curso dos eventos poderia significar pouco controle sobre as mudanças em seu antigo aliado. Portanto, a partir da próxima seção, analisaremos as expectativas no discurso como mecanismo de construção de realidade para fortalecimento do domínio do conhecimento intersubjetivo sobre a região e sua população, tendo em mente tais condições discursivo-ideológicas de comprometimento.

CC BY NC SA

A EXPANSÃO DEMOCRÁTICA E O EXCEPCIONALISMO

Como mencionamos na seção anterior, havia um explícito comprometimento com a manutenção do apoio ao governo de Ben Ali na mídia ocidental. Por essa razão, a *Thawra* foi tratada como uma grande novidade para a região, evitando transparecer o erro analítico dos Estados Unidos. A exemplo disso está a fonte de autoridade de Sterling (2011), Eric Goldstein, pesquisador da Human Rights Watch, que, em referência ao governo Ben Ali, afirma que ele nunca enfrentou "desafios genuínos vindos de baixo" (STERLING, 2011, tradução nossa).

Apesar de tal tratamento, a resistência popular tem uma longa história na Tunísia, contrariando a crença política intersubjetiva de submissão, como citamos, em Schiocchet (2011). Um dos exemplos mais contundentes de como a *Thawra* não foi um movimento que se iniciou com a autoimolação de Bouazizi[5] em Sidi Bouzid reside na cidade de Gafsa, no interior da Tunísia. Em 2008, quando mineiros se voltaram contra a companhia de fosfato em que trabalhavam, por conta da corrupção, o aparelho policial estatal conseguiu controlar os manifestantes, inclusive com bloqueios digitais e à imprensa. No entanto, "o que ocorreu em Gafsa pode ser visto como um prelúdio, ou talvez um ensaio, da onda de raiva populacional que atingiu o país no começo de 2011" (PERKINS, 2014, p. 222, tradução nossa).

Para além de Gafsa, Gelvin (2015, p. 48) vai atestar como outras autoimolações ocorreram, como a de Abdesslem Trimech em Monastir, cidade litorânea. A distinção de tal história para a de Bouazizi é o contexto sociocultural: enquanto Monastir é uma das cidades mais abastadas do país, por conta de seu forte turismo, Sidi Bouzid e Gafsa são regiões menos favorecidas, o que dificultava o controle policial, bem como diminuía sua necessidade. Desse modo e como lembram Landucci e Rocha (2021), é possível perceber que a resposta revolucionária ao ato de Bouazizi foi fruto de um contexto maior, cujas circunstâncias explicam sua importância, não apenas aspectos pessoais de Bouazizi, gerados pela "obsessão ocidental com o mito reducionista da fundação da Primavera Árabe" (GUESMI, 2020, tradução nossa).

Nesse sentido, a expectativa ocidental no primeiro momento se voltava para a manutenção da imagem do árabe passivo e a manutenção do governo de Ben Ali. Ao perceber que tais discursos estavam se tornando cada vez mais vazios frente à iminente queda de Ben Ali, o foco passou totalmente para essa obsessão com Bouazizi, deixando os manifestantes de lado. O excepcionalismo de Bouazizi, tornando-o diferente da "massa" árabe, fica evidente em: "Ele [Bouazizi] se recusou a se juntar ao "exército da juventude desempregada", como ficou conhe-

5 Jovem vendedor de frutas creditado por iniciar a revolução após atear fogo em si mesmo.

CC BY NC SA

cido na Tunísia, e ao invés disso começou seu pequeno negócio de vendedor de rua, vendendo vegetais para sustentar sua família." (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa); "Quaisquer que fossem suas intenções, as ações de Mohamed Bouazizi mudaram a história da Tunísia" (CNN ARABIC STAFF, 2011, tradução nossa).

Ao tirar o impacto dos manifestantes e da população sobre sua própria história, a CNN aproximou a figura de Bouazizi com a do Eu ocidental, a partir do qual a agência existe, enquanto o Outro "árabe" é essencializado e reduzido à submissão e passividade. Nesse sentido, "Muitas pessoas de Sidi Bouzid pareceram frustradas por suas lutas terem sido reduzidas à história de um único homem, ao invés do levante coletivo no qual 219 tunisianos perderam suas vidas e outras centenas sofreram sérias lesões" (RYAN, 2011, tradução nossa).

A narrativa individualizada e individualizante de um herói solitário, nos moldes estadunidenses e ocidentais de um modo geral, acaba por ocupar o espaço discursivo construído pela CNN, causando um efeito de sentido que esvazia a força coletiva do movimento. Esse efeito de sentido, posiciona em Bouazizi um peso de mártir que ignora todos que morreram por conta da violência de Ben Ali antes e apaga qualquer tipo de esforço nacional contra o governo.

Além da obsessão com a figura de Bouazizi, um marco para as expectativas é evidente na cobertura ocidental sobre os ocorridos na Tunísia: a tomada do discurso sobre a motivação dos eventos da *Thawra*. Como nesses momentos pouco queria se saber sobre a representação dos movimentos, a partir do ponto de vista dos manifestantes, os Estados Unidos e sua mídia utilizaram seus aparatos para disseminar suas agendas de Direitos Humanos e Democracia.

Acerca da narrativa dos Direitos Humanos, seu aparecimento é indireto, representado por figuras como Khadija Cherif e Arthur Manet, nos textos de CNN Wire Staff (2011a) e CNN Arabic Staff (2011). Por serem fontes utilizadas como autoridade por serem membros da Federation of Human Rights Leagues (FIDH), a camada de discurso não-dito expõe a maneira pela qual as formações discursivo-ideológicas buscam concretizar a crença orientalista do Ocidente como libertador das populações, a partir da narrativa dos Direitos Humanos. Essa conexão ainda aparece confirmada e de forma mais direta em Sterling (2011), tendo em vista a apresentação do recebimento póstumo de Bouazizi do Prêmio Sakharov, importante no reconhecimento da luta por Direitos Humanos e liberdade.

Portanto, a partir de tais construções discursivas, estabelece-se uma ligação entre as motivações da *Thawra* e essas formulações nascidas do Ocidente, como aponta Jerónimo (2013). Tal relação, apesar de parecer natural e até lógica, acaba por desconsiderar o próprio discurso dos manifestantes. O argumento dos Direitos Humanos, além disso, cai no mito da

CC BY NC SA

modernidade, no qual “a produção de conhecimento, conceitos e as estruturas sobre as sociedades humanas produzidos na Europa/Ocidente se tornaram globais/universais” (SHIHADE, 2012, p. 57, tradução nossa).

Nesse sentido, Alhassen (2012) vai propor o uso de *Karama*, dignidade em árabe, pois era o termo o qual aqueles que tomaram parte na *Thawra* usaram para suas reivindicações. Tentar propor, como a autora explica, uma única exigência, é desafiador, visto que os desejos e lutas dentro das revoluções de cada país eram distintos, inclusive internamente. Portanto, pensar no aspecto da dignidade como força motriz nos permite fugir de generalizações e Orientalismos, para aspectos mais flexíveis e termos menos essencialistas.

Por outro lado, a narrativa da expansão da democracia vai aparecer com mais contundência, inclusive, no próprio termo “Primavera Árabe”. Gelvin (2015) e Alhassen (2012) vão esclarecer algumas incongruências e restrições que decorrem de seu uso; a segunda autora, inclusive, vai pontuar que *Thawra*, revolução em árabe, como já mencionamos, abrange o discurso daqueles que, de fato, participaram do movimento.

Começamos por notar que o termo não era inédito; como Gelvin (2015) pontua:

> Comentadores conservadores usaram a frase em 2005 para se referirem aos eventos no mundo árabe que ocorreram na onda da (e, de acordo com alguns, como resultado da) invasão americana do Iraque em 2003 e o anúncio do presidente George W. Bush de sua “Agenda da Liberdade”. (GELVIN, 2015, p. 37, tradução nossa).

As formações discursivo-ideológicas se pautavam em uma esperança de expansão do modelo ocidental de democracia para a região, o que acabou por não se desenrolar como o esperado na época. Tal fato se torna ainda mais interessante quando o relacionamos ao contexto histórico prévio à transição, quando grande parte dos governos autoritários da região, como o da Tunísia, eram apoiados por países ocidentais, como os Estados Unidos, conforme já mencionamos.

Para além disso, Alhassen (2012) vai apontar algumas contradições dentro do termo ‘Primavera’. Um primeiro ponto de incongruência que salta aos olhos por sua literalidade reside no fato de que os protestos se deram majoritariamente durante o inverno nesses países. Por outro lado, em um sentido metafórico, a expressão se relaciona com outras semelhantes, “Despertar” ou “Agitação”, que desconsideram lutas anteriores, segundo Keskes e Martin (2018, p. 8), impondo uma noção de passividade da população - recurso recorrente do Orientalismo, como o descreve Said (2007) -, e colocando uma noção de que a mesma ocorreria em pouco tempo - uma estação -, como aponta Alhassen (2012).

CC BY NC SA

Outrossim, um interdiscurso que o termo 'Primavera' denota está em conectar a *Thawra* com outras manifestações históricas, relacionando os interesses delas. A primeira delas é com a chamada "Primavera dos Povos" de 1848, cujo caráter era liberal e nacionalista. O segundo vínculo feito é com a "Primavera de Praga" de 1968, na qual se pretendia alcançar reformas liberais (GELVIN, 2015, p. 37).

Portanto, havia uma expectativa de expansão do chamado mito da democracia liberal ocidental pelo "homogêneo Mundo Árabe". Essa formação ideológica não fica restrita ao contexto da chamada "Primavera Árabe", mas se torna a base para a construção da atuação midiática durante a transição tunisiana. Desse modo, tal discurso torna-se evidente, inclusive, anos após a saída de Ben Ali do poder, como em: "Eleições na Tunísia aumentam esperanças globais de uma democracia Árabe" (TREW, 2014, tradução nossa) ou "Eleições históricas na Tunísia são único ponto de esperança para democracia Árabe" (LEVS, 2015, tradução nossa).

A partir de tal prisma, até os discursos da CNN que exortam uma aproximação mais igualitária por parte do Ocidente perante a transição, como em Shaikh (2011), ainda apresentam tal ideia de homogeneidade da região e expansão de valores liberais ocidentais. Tal tendência pode ser vista em: "O verdadeiro legado de Mohamed Bouazizi talvez seja o nascimento de uma nova Tunísia democrática (...). A nova Tunísia (...) vai ser o real modelo para o emergente novo Mundo Árabe" (SHAIKH, 2011, tradução nossa).

Tal noção não apenas ressalta um efeito de sentido de excepcionalismo sob a figura de Bouazizi, como também reforça uma noção de exceção para a Tunísia. A partir de tal ideia, colocar o país como diferente dos demais ou um modelo a ser seguido segue a lógica de padronização da cultura e da política da região, ou seja, uma construção discursiva de essencialismo sobre os povos que ali residem. Portanto, o excepcionalismo tunisiano também reforça narrativas de superioridade ocidental e simplicidade árabe.

Sendo assim, como buscamos mostrar nesta seção, o jogo de ação e reação das expectativas, nos termos foucaultianos de discurso apresentados por Brandão (1995), nesse primeiro período da transição tunisiana, foi focado em Bouazizi e na manutenção da imagem do árabe passivo e dos Estados Unidos como justo expansor dos Direitos Humanos e da democracia. Portanto, já podemos perceber que, mesmo sendo pegos de surpresa, já existia uma tentativa ativa de tomada de (dis)curso inicial por parte da mídia ocidental, frente à ascensão da Al Jazeera e das novas mídias no contexto da transição tunisiana.

CC BY NC SA

O MEDO DO ISLÃ NA TRANSIÇÃO

Após o primeiro momento de surpresa e posterior tentativa de tomada do (dis)curso da revolução, atestados pela seção anterior, conforme a transição começava a tomar forma, novas formações discursivo-ideológicas foram necessárias para a empreitada dos Estados Unidos no país. O primeiro marco, nesse sentido, nas condições de produção da participação da CNN na transição foram as eleições para a Assembleia Constituinte no ano de 2011.

Com a queda de Ben Ali, novos atores surgiram na esfera política tunisiana, sendo que alguns significavam uma ruptura com as expectativas dos Estados Unidos para o país. O maior exemplo de tal tendência foi a reinserção do partido do Movimento *Ennahda*, da vertente do Islã Político, nas eleições de 2011. Isso se dá, pois o partido, sucessor do Movimento de Tendência Islâmica, foi um importante contestador do governo de Ben Ali e um dos grupos mais perseguidos desse período, tendo sido proibido de concorrer em eleições com a prerrogativa de proteção do Estado secular e da '*Tunisianité*', segundo Perkins (2014, p. 198, 199) e Cavatorta e Merone (2015), de acordo com a política dos Estados Unidos para o país.

Por Islã Político, estamos falando sobre uma ideologia que reforça a ideia do Islã não apenas como uma religião individual, mas como um arranjo de princípios divinos que afirmam como as sociedades muçulmanas devem lidar com suas questões políticas, sociais e econômicas. Tal definição é advinda de Utvik (2011 apud Larsson, 2017, p. 13) e é importante para localizar ideologicamente o partido *Ennahda*. Além disso, ressaltamos o conceito de Cesari (2018), importante para entender a lógica do nacionalismo presente nos discursos do Islã Político.

Cabe ressaltar que o *Ennahda* enfrentou dois desafios desde sua fundação: por um lado o autoritarismo disfarçado de democracia e do outro o *Ansar al-Sharia*, um grupo salafista, que apresenta uma cédula cuja ação reside em uma atuação política mais violenta, de acordo com Perkins (2013, p. 76). Em certo sentido, o desafio do *Ansar al-Sharia* frente ao discurso do *Ennahda* se deu tanto como ator, contestando o *Ennahda* por ser pouco vinculado ao Islã, quanto como instrumento dos defensores do secularismo, acusando o partido de ser muito vinculado ao Islã, segundo Perkins (2013, p. 76).

Nesse sentido, seu retorno para o meio político ameaçava a estável perseguição ao Islã Político do *Ennahda* no país, tornando mais contundente o discurso do *Ansar al-Sharia* e dos seculares. No entanto, um aspecto importante para a continuidade de tal política por parte dos Estados Unidos, mesmo após a reinserção do *Ennahda*, foi, como essa seção discute, o recurso às formações discursivo-ideológicas do medo do Islã para os seus leitores e até dentro da própria Tunísia. Em outras palavras, como Wolf (2017) pontua:

CC BY NC SA

> Um diplomata americano afirmou em 2005 que 'o [governo] tem travado uma guerra de palavras com elementos religiosos, caracterizando Muçulmanos como "Islâmicos" e "terroristas". Ele concluiu: 'Essa política tem sido bem sucedida, de maneira que os dois termos são usados praticamente de modo intercambiável na Tunísia hoje em dia'. (WOLF, 2017, p. 2, tradução nossa)

Segundo Souaiaia (2016), o uso do termo "islâmico" (*islamic*), ao invés de "muçulmano" (*muslim*), para descrever partidos, grupos ou associações representa uma formação discursivo-ideológica essencializante e de importante menção. Se por um lado "muçulmano" manteve sua conotação inicial de pessoa que adere conscientemente ao Islã atualmente, o adjetivo "islâmico" ficou relacionado a uma pessoa que adere a um grupo com inspirações no Islã, sendo mais amplo, de acordo com Souaiaia (2016, p. 3). Nesse sentido, ao adotar tais terminologias, como Ben Ali em parceria com os Estados Unidos fez, os políticos acabam construindo justificativas para a perseguição de um grupo que propagaria um "falso Islã".

Essa estratégia se tornou intersubjetiva, de maneira a se tornar uma convenção para parte da população da Tunísia, a partir da definição de Onuf (2013): "Uma convenção lembra os agentes daquilo que eles sempre fizeram" (ONUF, 2013, p. 11, tradução nossa). Portanto, em sua história recente, "Em troca de proteção da "ameaça verde" do radicalismo Islâmico, a maioria dos tunisianos seculares fechou os olhos para os excessos da autoridade" (PERKINS, 2013, p. 73, tradução nossa), tornando a retirada do Islã Político uma convenção social mesmo após o fim de tais autoridades.

Esse choque entre a intersubjetividade tunisiana e sua visão do Islã Político foi explorado pela mídia dos Estados Unidos, com foco para o dualismo essencialista entre secularismo e Islã político. O discurso de CNN Wire Staff (2011b) se faz ainda mais sintomático quando analisamos o foco dado pelo jornalista aos protestos do *Ansar al-Sharia*, por conta da exibição do filme "Persépolis" e a resposta do *Ennahda*: "*Ennahda*, o mais proeminente **partido Islâmico**, condenou a violência, mas não criticou os protestos" (CNN WIRE STAFF, 2011b, tradução e marcação nossas). No trecho em questão, a responsabilização do partido pelas ações dos manifestantes, assim como a marcação de que se trataria de um "partido Islâmico", ressaltam o jogo de ação e reação em torno do medo do Islã e da atuação da *Ennahda* no país.

A reportagem ainda conclui:

> O *Ennahda* vai impor um código social conservativo naquele que é um dos países árabes mais seculares e industrializados? Ou vai seguir o modelo do Partido da Justiça e Desenvolvimento governante na Turquia, mostrando que o Islã e a democracia são compatíveis? (CNN WIRE STAFF, 2011b, tradução nossa).

CC BY NC SA

Tal discussão, como Ventura (2016, p. 14) pontua, já é Orientalista, visto que não considera Islã como o extenso corpo com diversas representações, discursos e práticas, tratando-o com generalizações.

Ademais, tal medo, como afirmam Piser (2016) e Ghannouchi (2016) em seus artigos sobre o *Ennahda*, não tinha base e nem justificação, visto o compromisso assumido pelo *Ennahda* e a suavização adotada pelo seu discurso após as eleições, mostrando flexibilidade frente às necessidades da população. A própria coalizão tripla arquitetada pelos partidos vencedores das eleições, cujas bases não eram novas, conhecida como *troika*, foi firmada entre o *Ennahda* e outros dois partidos seculares, o Congresso para a República (CPR) e o Fórum Democrático pelo Trabalho e Liberdades (FDTL).

No entanto, a despeito de tal compromisso, o período seguinte da transição, em especial o ano de 2013, ainda assim foi marcado pela escalada no medo do Islã Político, por conta das mortes de dois políticos críticos à tal ideologia, Chokri Belaid e Mohamed Brahmi. O aprofundamento da cisão discursiva entre a *troika*, ressaltada de maneira simplificada como liderada por islâmicos, e a oposição, reforçada como secular, podem ser percebidos na única reportagem sobre a Constituição de 2014 presente na CNN: "Sua escrita demorou dois anos e expôs uma profunda fenda entre o partido Islâmico *Ennahda* e a oposição secular" (GUMUCHIAN, 2014, tradução nossa).

Nesse contexto, portanto, surgem as eleições presidenciais de 2014 na Tunísia, marcadas por esse intenso dualismo entre Islã Político e secularismo. A disputa central se deu entre dois fortes atores, o então presidente tunisiano, Moncef Marzouki, do CPR, e o representante do *Nidaa Tounes*, Beji Caid Essebsi, partido conhecido por seu discurso firme contra o Islã Político e, principalmente, contra o *Ennahda*. Portanto, partindo do interesse dos Estados Unidos, a cobertura da CNN se comprometeu com o apagamento do *Ennahda* e de todos seus feitos nos anos anteriores, em prol do secular *Nidaa Tounes*.

Um discurso que aponta para a tendência de supressão do papel do *Ennahda*, assim como a culpabilização do partido acerca dos principais problemas da Tunísia, está presente em Trew (2014). Trazendo como fonte um mecânico, o jornalista aponta em uma mistura de discurso direto e indireto a ideia de que o país estaria melhor com Ben Ali do que após a revolução e com a *troika*: ""(...) Tudo piorou depois da revolução: segurança, economia, problemas sociais" disse Fathy Baklouti, que estava votando para o *Nidaa Tounes*" (TREW, 2014, tradução nossa). Cabe mencionar que nenhum eleitor do *Ennahda* foi trazido como fonte, confirmando o objetivo do jornalista de ressaltar o *Nidaa Tounes* como possibilidade única.

CC BY NC SA

Outro ator importante para a intensificação do medo do Islã para a visão sobre o Movimento *Ennahda*, em tal período eleitoral, foi o Egito, mais especificamente, a Irmandade Muçulmana. As formações discursivo-ideológicas da CNN no período, baseadas no medo de que a suavização do discurso do Ennahda não ocorresse e de que houvesse uma aliança com o *Ansar al-Sharia*, surgem como uma incapacidade de perceber a distinção entre o Movimento *Ennahda* e grupos que não realizaram uma cisão entre partido e movimento político-religioso, como a Irmandade Muçulmana, conforme apontam Wolf (2017, p. 3) e Zollner (2021).

Em Gumuchian (2014) o grupo chega a, inclusive, ser citado, encorajando tais conexões intersubjetivas: "O próprio presidente **Islâmico** eleito do Egito, Mohamed Morsi, foi deposto pelo exército. O governo interino do país rotulou a **Irmandade Muçulmana como um grupo terrorista**." (GUMUCHIAN, 2014, tradução e marcação nossas). Ou seja, estabelece-se uma relação interdiscursiva em que o Movimento *Ennahda*, por ser insistentemente marcado como "islâmico", não responderia apenas por suas ações, mas por aquelas de atores externos também.

Portanto, como buscamos mostrar, a insistência em representar o *Ennahda* como inimigo da transição e da própria Tunísia apenas minou tentativas de representação que englobassem de maneira não violenta todos os partidos. O medo do Islã funcionou como um instrumento orientalista de condenação e contenção de ideias que fossem contra as formações discursivo-ideológicas dos Estados Unidos. A esfera pública presenciou a moderação do Movimento *Ennahda*, porém o intersubjetivo ocidental e dos tunisianos seculares se fecharam completamente para o governo vigente, ignorando, inclusive, a aprovação da Constituição em 2014, por uma assembleia composta em sua maioria por membros da *troika*.

Essa preocupação e medo do Islã apareciam como fatores sensíveis frente às expectativas de expansão da democracia secular no "Mundo Árabe", intensificados pela vitória do *Ennahda* nas eleições para a Assembleia Constituinte. Em outras palavras, a partir da concretização de um modelo democrático, as esperanças liberais civilizatórias da primeira seção foram substituídas por uma paranoia com a atuação do *Ennahda*. No entanto, o que apenas era um medo vai se intensificar em um discurso de completa derrota poucos meses depois, como deixaremos claro na próxima seção.

O INVERNO ÁRABE E O DISCURSO DO TERRORISMO

Como já mencionamos, enquanto a primeira seção atesta uma esperança pautada em um discurso de expansão da democracia e a segunda demonstra o medo das expectativas feitas não se materializarem, a presente seção expõe a concretização da derrota nos discur-

CC BY NC SA

sos ocidentais. Para começarmos tal discussão, retomamos mais uma vez Said (1997) que vai pontuar como a mídia americana dota-se da noção do país como uma superpotência global e, portanto, muitos jornalistas acabam sendo afetados diretamente pela pressão do consenso, até intersubjetivo, sobre diversos assuntos, atuando como defensores da política externa dos Estados Unidos.

Por essa razão, ao tratar de episódios que giram em torno da narrativa do terrorismo, o interdiscurso do Islã inimigo do pós-11 de setembro é acionado, como reforçam Eid e Karim (2014, p. 2, 9), com intuito de justificar formações discursivo-ideológicas do chamado "Inverno Árabe". Diferentemente do medo do Islã como propulsor de uma agenda antidemocrática, o argumento de tal narrativa gira em torno de um Islã naturalmente violento e oposto aos valores do Ocidente. Ou seja, pauta-se pela ideia de que:

> A aplicação da palavra "terrorismo" vem sempre acompanhada de um juízo de valor e, portanto, também subjetivo: o grupo que para alguns é terrorista para outros poderá estar formado por guerreiros da liberdade. Em geral, o terrorista é sempre o "outro". (SAINT-PIERRE, 2015, p. 14)

Nesse sentido, existe um corpo discursivo que busca justificar a generalização dada pela mídia ocidental ao Islã, onde suas vertentes são ignoradas – aos moldes da visão uniformizada de Islã, afirmada por Geertz (2004) – e o mesmo é tratado como razão última do terrorismo. O próprio salafismo, vertente do Islã que foi utilizada como base por grupos como o *Ansar al-Sharia*, na Tunísia, foi generalizado, expondo-o apenas como uma visão radical, e suas vertentes, que não atuam politicamente, foram silenciadas, segundo Gelvin (2015, p. 66). Um exemplo de tal tendência reside no texto da CNN em que se segue: "Os salafistas são muçulmanos sunitas **ultraconservadores** que estão se tornando cada vez mais uma **força política estridente** pelo Mundo Árabe no despertar da Primavera Árabe" (TREW, 2014, tradução nossa, marcação nossa).

Como Wolf (2017, p. 5) vai pontuar, o próprio conservadorismo e os radicalismos de certas vertentes do salafismo surgiram por conta da atmosfera "secular" do regime. Segundo a autora, muitos jovens, percebendo a incapacidade do *Ennahda* e outros grupos de se oporem ao governo de Ben Ali, adotaram discursos mais radicais, resultando na dinâmica de crítica constante ao *Ennahda*. Tal fato é importante, visto que ressalta a ideia de Saint-Pierre (2015), segundo a qual o discurso do terrorismo tornou-se uma ferramenta nas mãos de quem o detém para nomear o "Outro".

CC BY NC SA

A Tunísia, a partir dessa visão, se tornou um caso interessante na reflexão do discurso intervencionista dos Estados Unidos, por conta do apoio do país ao governo Ben Ali, devido à perseguição a grupos representantes do Islã Político e outros que se enquadrariam em vertentes mais radicais por parte do então presidente. Portanto, ao presenciar acontecimentos como o ataque ao Museu Nacional do Bardo, a mídia dos Estados Unidos agiu para demonstrar como a transição só havia piorado a Tunísia e o governo Ben Ali conseguia conter o "terrorismo do Islã", sentimento que já existia antes, mas que retorna com a interdiscursividade da Guerra ao Terror.

Um exemplo claro de tal compromisso e formação ideológica está presente no discurso direto do tio de um dos responsáveis pelo ataque ao Museu Nacional do Bardo. Em um trecho em questão, Abeld Malik Labidi afirma acerca do sobrinho: ""Depois da revolução de 2011, ele começou a rezar, antes ele bebia cerveja de tempos em tempos, como um jovem tunisiano. Ele não era extremo de forma alguma."" (MORALES, PAYNE, SMITH-SPARK, 2015, tradução nossa).

O discurso, portanto, gira em torno de um aspecto tanto de desejo de retorno a um combate mais duro ao terrorismo, nos termos norte-americanos, como na época de Ben Ali, quanto de crítica à ineficácia dos governos que nasceram da transição, tanto o do *Nidaa Tounes* quanto o da *troika*. Esse reforço de uma ineficiência, até passividade, frente ao perigo do "terrorismo islâmico" pode ser atestado em "Mas a nação do Norte Africano não deixa de ter seus problemas, incluindo (...) a distinção de que se acredita terem mais cidadãos (...) que foram para o Iraque e para a Síria para lutar como *jihadistas* do que qualquer outro país" (BOTELHO, MULLEN, 2015, tradução nossa).

Respondendo a essa formação discursivo-ideológica, ainda, estão os discursos intervencionistas, cuja única solução para tais problemas seria uma ação direta no país por parte dos Estados Unidos. Um exemplo claro é o artigo de opinião "Tunisia terror: Bardo attackers are 'a known enemy'" de Marks (2015). Partindo de uma narrativa militarista e intervencionista, o fomento do medo do Estado Islâmico – o "conhecido inimigo" – é justificado para reforçar que "Tunis [capital do país] precisa de compromissos de apoio para tornar [a transição] realidade, com maior assistência militar e financeira" (MARKS, 2015, tradução nossa), dando agência central para os Estados Unidos em um combate internacional contra o terrorismo.

Em uma dinâmica similar na relação de culpabilização da Tunísia pelos eventos no Egito, a Líbia vai ser um importante fator para as formações discursivo-ideológicas de "Inverno Árabe" - ao que deveria ser dito acerca deste período da transição - nessa questão da falta de ação governamental. Por ter sido considerado Estado falido perante a comunidade internacional, o uso recorrente nas reportagens citadas da figura da Líbia como um possível futuro tunisiano, reforça tanto uma perspectiva evolucionista quanto intervencionista da realidade social

CC BY NC SA

desses países. Tal dinâmica fica evidente na relação estabelecida entre o discurso dos jovens indo lutar no Iraque e na Síria de Botelho e Mullen (2015) com o seguinte trecho da mesma reportagem:

> Como a Tunísia, a Líbia presenciou seu duradouro líder, Moammar Gadhafi, deposto durante a onda regional de revoluções, conhecida como Primavera Árabe. No entanto, **diferentemente de seu vizinho a Oeste**, a Líbia tem lutado contra mais instabilidade e violência – muito perpetuada por **militantes islâmicos** (...) (BOTELHO, MULLEN, 2015, tradução e marcação nossas)

Tal relação com a Líbia ainda é intensificada quando se torna reportagem o fato de que, possivelmente, dois suspeitos de terem realizado o ataque ao Museu Nacional do Bardo haveriam recebido treino na Líbia. De acordo com a notícia, "Dois extremistas que atacaram o simbólico museu na Tunísia, matando 23 pessoas, tiveram treinamento com armas em campos na Líbia (...)" (BOTELHO, KARIMI, LISTER, 2015, tradução nossa), reforçando a ideia de que a Líbia seria uma ameaça direta para a transição e um possível futuro caótico.

Além disso, os episódios de violência ocorridos na Tunísia são marcados por mais dois fatores na cobertura da CNN. O primeiro deles é o tom relacionado às vítimas do incidente, visto que o foco exclusivo dado aos turistas mortos gera uma expectativa no leitor de compaixão e proximidade maior com estes do que com as vítimas em geral.

Essa tendência pode ser analisada com clareza em Smith-Spark (2015), na qual, antes mesmo da apresentação das histórias pessoais de cada uma das vítimas turistas feita pela jornalista, o compromisso da autora fica claro nos pontos centrais da notícia: "Entre os mortos estão quatro italianos, três cidadãos franceses, três japoneses e dois espanhóis" (SMITH-SPARK, 2015, tradução nossa). Portanto, vítimas locais são, inclusive, ignoradas durante a reportagem, cuja menção se restringe a uma sentença ao final do texto.

Tal processo estabelece um interdiscurso com a imagem do "nós" (ocidentais, brancos, civilizados, vítimas) e "eles" (orientais, árabes, selvagens, terroristas) que Said (2007) aponta como típica do Orientalismo. A exposição de histórias pessoais das vítimas (turistas) pontua como o discurso de "nós" contra "eles" busca atingir um alvo afetivo nas construções discursivas, reforçando uma cisão Orientalista entre as figuras de fora e as locais.

O segundo ponto se faz presente no uso de afirmações aceitas pelo intersubjetivo ocidental, sem a verificação de sua veracidade. A título de exemplo, mesmo com informações apenas iniciais, repórteres da CNN adotaram conclusões sem averiguação profunda, fato exposto em uma das reportagens analisadas: "CNN não conseguiu averiguar independentemen-

CC BY NC SA

te a veracidade da declaração de áudio." (BOTELHO, MULLEN, 2015, tradução nossa). No caso em questão, não era possível verificar a procedência fiável ou não da afirmação feita em rádio sobre a autoria do ataque ao Museu Nacional do Bardo pelo Estado Islâmico.

Dessa forma, por pressão dos discursos mais pessimistas e do conhecimento intersubjetivo baseado no Orientalismo, acontecimentos como o ataque ao Museu Nacional do Bardo foram vistos como uma derrota direta da transição tunisiana, onde a única possibilidade de vitória seria uma ação firme por parte dos Estados Unidos perante a "ameaça global do terrorismo islâmico". Sendo assim, o uso de termos como "Inverno Árabe" e a visão de que os acontecimentos desta seção representam um prenúncio dessa estação só reforçam uma visão simplista sobre o fato de que a transição tunisiana deveria ocorrer em um curto período (uma estação), que a mesma seria responsável pelos desdobramentos de todos os países da região e que seu sucesso depende exclusivamente de padrões ocidentais de análise.

Por conta disso e a partir de tais discursos, Keskes e Martin (2018) buscam propor um paradigma de continuidade e mudança, percebendo um meio termo entre o pessimismo da atuação do *Ennahda*, unido ao discurso de medo do Islã, e o otimismo de abordagens que buscam enaltecer uma expansão da democracia pelo "Mundo Árabe". Como os autores pontuam,

> as problemáticas representações binárias discursivas da transição da Tunísia pós-revolução se basearam em um paradigma de 'mudança' para aferir o processo de democratização do país a partir de termos mutuamente exclusivos de 'sucesso' e 'falha' (KESKES, MARTIN, 2018, p. 19, tradução nossa).

Sendo assim, ao invés de ressaltar os argumentos da primeira seção, na qual a expectativa irreal justificava as formações discursivo-ideológicas, ou os feitos nesta seção, segundo os quais a derrota tornou-se inevitável e facilmente perceptível, propomos um tratamento de continuidade e mudança, aos termos de Keskes e Martin (2018). Revoluções tomam tempo e mudanças profundas no intersubjetivo não apenas local, mas também mundial. Portanto, pensar os processos da transição a partir da continuidade e da mudança em relação ao regime de Ben Ali nos permite análises mais sóbrias e que não recorram a Orientalismos fáceis.

CONCLUSÕES

Depois de 10 anos de transição tunisiana, o processo ainda é controverso e fruto de importantes debates sobre representação midiática. A construção do pensamento sem essencialização e objetificação de comunidades populacionais é vital para o desenvolvimento do

CC BY NC SA

conhecimento, não apenas em torno da *Thawra* e seus desdobramentos, mas das Relações Internacionais como área acadêmica. A recorrência ao preconceito e a retirada da voz daqueles que deveriam ser os atores da transição, por conta das expectativas, são prejudiciais para uma construção do Sistema Internacional livre do Orientalismo.

Nesse ponto, fazemos nossas as palavras de Eid e Karim (2012): "ignorância não é apenas o vazio acidental de conhecimento, mas é culturalmente construída através das gerações e utilizada politicamente" (EID, KARIM, 2012, p. 22, tradução nossa). Ainda, em outras palavras, por conta da ignorância "o/a Outro/a, o "diferente", é primordialmente visto/a como um/a inimigo/a em potencial. Cultura como fronteira de cisão, de medo; cultura em uma perspectiva monológica, e não dialógica" (ROCHA, 2020, p. 1061). A partir disso, um movimento que buscou dar protagonismo para sua população não deve ser percebido e representado por um prisma de expectativa infundada, ignorância, conveniência e silenciamento, como feito pela CNN na cobertura da transição tunisiana. Não é possível construir um Sistema Internacional pacífico sem a aproximação com a alteridade, como ressaltam Rocha e Maso (2020).

Além disso, o presente artigo propõe-se a, acima de tudo, colocar uma vírgula em todo o processo que é a *Thawra* e a transição tunisiana, visto que é importante pensarmos que elas de fato não tiveram um ponto final e não precisam ter. Além disso, de maneira semelhante, os escritos concebidos aqui não foram pensados para serem finais, mas para corroborar a necessidade de se pensar em uma comunicação intercultural e inclusiva às mais diversas realidades para as Relações Internacionais.

Respondendo à questão aqui proposta, as consequências das expectativas colocadas em jogo pela CNN foram o silenciamento e deturpações imagéticas, resultando, em última instância, na vigente política de tomada de (dis)curso de qualquer evento relacionado aos países do Oriente Médio. Os três discursos-bases aqui analisados nas três seções anteriores demonstram o compromisso midiático de tomada de voz, a partir de três formações discursivas, estabelecendo o que "pode e deve ser dito" (ORLANDI, 2005, p.43).

Na primeira formação discursivo-ideológica analisada, buscou-se ressaltar o apagamento e o silenciamento da revolução, por meio de excepcionalismo tunisiano e de Bouazizi, reforçando uma esperança de expansão da democracia nos moldes esperados pelos Estados Unidos. Na segunda, as formações giraram em torno do reforço do secularismo, estabelecendo um discurso ignorante acerca da discussão de compatibilidade do Islã com a democracia, reiterando um discurso de medo do Islã. E, finalmente, a última formação debatida foi a do terrorismo islâmico como ameaça global e a da intervenção dos Estados Unidos como única forma de contenção do inimigo Islã.

CC BY NC SA

Sendo assim, buscamos ressaltar narrativas da própria população, visto que, como Said (2007) reforça,

> Seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente "real" a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser. (SAID, 2007, p. 15)

Portanto, o que foi discutido neste artigo reflete um profundo debate sobre quem tem voz dentro do Sistema Internacional. Como ressaltamos, a mídia da parcela ocidental do mundo ainda é dotada de uma racionalidade de superioridade dos Estados Unidos e de dever dos mesmos de liderar a comunidade internacional em todos os assuntos. A transição tunisiana é um momento de desconstrução e reconstrução do arranjo político interno do país, mas também pode ser um motor para uma reestruturação do pensamento intersubjetivo baseado no Orientalismo. Cabe aos atores definirem qual voz irão ouvir.

REFERÊNCIAS

ADLER, Emanuel. "O construtivismo no estudo das relações internacionais." *Lua nova* 47.1999 (1999): 201-246.

ALHASSEN, Maytha. *Please reconsider the term "arab spring"*. 2012. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/please-reconsider-arab-sp_b_1268971?guccounter=1>. Acesso em: 02 jul. 2020.

BOTELHO, Greg; KARIMI, Faith; LISTER, Tim. *2 Tunisia museum attack suspects got weapons training in Libya, official says*. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/03/20/africa/tunisia-museum-attack/index.html>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BOTELHO, Greg; MULLEN, Jethro. *ISIS apparently claims responsibility for Tunisia museum attack; 9 arrested. 2015*. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/03/19/africa/tunisia-museum-attack/index.html>. Acesso em: 06 ago. 2020

CC BY NC SA

BOTELHO, Teresa. Os Estados Unidos e a Primavera Árabe. *Relações Internacionais (R: I)*, n. 30, p. 117-127, 2011.

BRANDÃO, Helena N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Edunicamp, 1995.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. 1 ed. Londres: Oxford University Press, 2009.

CAVATORTA, Francesco; MERONE, Fabio. Post-Islamism, ideological evolution and 'la tunisianité'of the Tunisian Islamist party al-Nahda. *Journal of Political Ideologies*, v. 20, n. 1, p. 27-42, 2015.

CESARI, Jocelyne. *What is political Islam?*. Lynne Rienner Publishers, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CNN DIGITAL. *CNN Digital Dominates Again in April*. 2019. Disponível em: <http://cnnpressroom.blogs.cnn.com/2019/05/14/cnn-digital-dominates-again-in-april-1-in-audience-mobile--video-millennials-politics-social/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CNN Arabic Staff. *How a fruit seller caused revolution in Tunisia*. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110119031327/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/africa/01/16/tunisia.fruit.seller.bouazizi/index.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

CNN Wire Staff. *Inspiration for violent protests in Tunisia dies*. 2011a. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110119062649/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/africa/01/05/tunisia.death/index.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CNN Wire Staff. *Tunisians get ready for first election of Arab Spring*. 2011b. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2011/10/22/world/africa/tunisia-elections/index.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

EID, Mahmoud; KARIM, Karim H.. *Clash of Ignorance*. Global Media Journal, Canadá, v. 5, n. 1, p. 7-27, jan. 2012.

EID, Mahmoud; KARIM, Karim H. (ed.). *Re-Imagining the Other*: culture, media, and western-muslim intersections. Ny: Palgrave Macmillan, 2014.

GEERTZ, Clifford. *Observando o islã*: O desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. 1 ed. RJ: Jorge Zahar, 2004.

GELVIN, James L. *The Arab uprisings*: what everyone needs to know. 2. ed. NY: Oxford University Press, 2015.

GHANNOUCHI, Rached. From political Islam to Muslim democracy: The Ennahda party and the future of Tunisia. *Foreign Aff*., v. 95, p. 58, 2016.

GODINHO, Luísa. Discourse and International Relations: A Theoretical and Methodological Approach. JANUS. *NET, e-journal of International Relations*, v. 7, n. 2, p. 1-13, 2016.

GUMUCHIAN, Marie-Louise. *Tunisia approves new constitution, appoints new government*. 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/01/27/world/africa/tunisia-constitution/index.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

JERÓNIMO, Patrícia. *A primavera árabe e o uso da força nas relações internacionais.* 1 ed. Minho: Edições Almedina, S.A., 2013. 123-144 p.

KARADSHEH, Jomana; WATSON, Ivan. The Tunisian fruit seller who kickstarted Arab uprising. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110324013046/http://edition.cnn.com/2011/WORLD/meast/03/22/tunisia.bouazizi.arab.unrest/index.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.

KESKES, Hanen; MARTIN, Alexander P.. Orientalism and binary discursive representations of Tunisia's democratization: the need for a "continuity and change" paradigm. *British Journal Of Middle Eastern Studies*, [S.L.], p. 1-20, 7 nov. 2018. Informa UK Limited.

LANDUCCI, Leonardo Pagano; ROCHA, Elizabete Sanches. O Orientalismo E O Silenciamento Midiático Da Thawra: A Imagem Do 'Árabe' E A Construção De Mohamed Bouazizi. *Gepom em Revista*, v. 2, p. 89–106, 2021.

LARSSON, Tommy. *The Islamist Ideology of Hassan al-Banna and Sayyid Qutb. A Comparative Analysis*. 2017. Dissertação de Mestrado.

LEVS, Josh. *New president for 'country of the year' makes history*. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/12/22/world/meast/tunisia-elections/index>.html. Acesso em: 04 fev. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. SP: Cortez, 2004.

MARKS, Jon. *Tunisia terror: Bardo attackers are 'a known enemy'*. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/03/18/opinions/tunisia-terrorism-jihadi/index.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MORALES, Claudia; PAYNE, Ed; SMITH-SPARK, Laura. *Tunisia museum attack: President says 3rd person took part, on the run*. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/03/22/africa/tunisia-museum-attack/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ONUF, Nicholas. *Making Sense, Making Worlds*: Constructivism in social theory and international relations. Nova York: Routledge, 2013.

ORLANDI. Eni Pulcinelli. *Análise do discurso* : princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PERKINS, Kenneth J. *A History of Modern Tunisia*. 2. ed. Ny: Cambridge, 2014.

PERKINS, Kenneth J.. Playing the Islamic Card: The Use and Abuse of Religion in Tunisian Politics. In: GANA, Nouri (org.). *Making of the Tunisian revolution:* Contexts, architects, prospects. Edinburgh University Press, p. 58-80, 2013.

PISER, Karina. How Tunisia's Islamists Embraced Democracy . 2016. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/03/31/how-tunisias-islamists-embraced-democracy-ennahda/>. Acesso em: 04 set. 2020.

ROCHA, Elizabete Sanches. A Importância do(s) olhar(es) antropológicos sobre cultura para o campo das Relações Internacionais: um desafio epistemológico. In: REA - REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 6., 2020, Salvador. *Anais 6a REA-Reunião Equatorial de Antropologia*. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2020. p. 1054-1069.

ROCHA, Elizabete Sanches; MASO, Tchella Fernandes. Alteridad: la reinvención de la paz en las relaciones internacionales. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [s.l.], n. 121, p. 5-24, 5 maio 2020. OpenEdition. http://dx.doi.org/10.4000/rccs.10084

BY NC SA

RYAN, Yasmine. *One year on, Sidi Bouzid waits for change*. 2011. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2011/12/18/one-year-on-sidi-bouzid-waits-for-change>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SAID, Edward W.. *Análise: O choque de ignorâncias*. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u31639.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SAID, Edward W.. *Covering Islam*: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World. 2. ed. EUA: Vintage, 1997.

SAID, Edward W. *Orientalismo*: O Oriente como invenção do Ocidente. 1 ed. SP: Companhia das Letras, 2007.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. *Revista de Sociologia e Política*, v. 23, n. 53, p. 9-26, 2015.

SALAITA, Steven. Corporate American media coverage of Arab revolutions: The contradictory message of modernity. *Interface*, v. 4, n. 1, p. 131-145, 2012.

SCHIOCCHET, Leonardo. Extremo Oriente Médio, Admirável mundo novo: a construção do Oriente Médio e a Primavera Árabe. *Revista tempo do mundo*, RJ, v. 3, n. 2, p. 37-82, ago. 2011.

SHAIKH, Salman. *Mohamed Bouazizi: A fruit seller's legacy to the Arab people*. 2011. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2011/12/16/world/meast/bouazizi-arab-spring-tunisia/index.html>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SHIHADE, Migda. On the Difficulty in Predicting and Understanding the Arab Spring: Orientalism, Euro-Centrism, and Modernity. *International Peace Research Association*, [s.l], v. 17, n. 2, p.57-70, dez. 2012.

SMITH-SPARK., Laura. *Tunisia terror attack: What we know about the victims*. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/03/20/world/tunisia-terror-attack-victims/index.html>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SOUAIAIA, Ahmed. What Is the Difference between 'Muslim' and 'Islamic'?. *Islamic Societies Review*, Nov, v. 6, 2016.

SOUZA, Jorge Pedro. *Introdução à análise do discurso jornalístico impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

STERLING, Joe. *A year later, Bouazizi's legacy still burns*. 2011. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2011/12/17/world/meast/arab-spring-one-year-later/index.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

THUSSU, Daya Kishan. *International communication*: Continuity and Change. 1 ed. Londres: Arnold, 2000.

TREW, Bel. *Tunisia elections raise global hopes for Arab democracy*. 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/10/26/world/asia/tunisia-elections-arab-democracy/index.html>. Acesso em: 23 ago. 2019.

VENTURA, Lorella. The "Arab Spring" and Orientalist Stereotypes: The Role of Orientalism in the Narration of the Revolts in the Arab World. *Interventions*, Italy, v. 19, n. 2, p.282-297, 17 out. 2016. Informa UK Limited.

WOLF, Anne. *Political Islam in Tunisia*: The History of Ennahda. Oxford University Press, 2017.

ZEMNI, Sami. From Revolution to Tunisianité: Who is the Tunisian People?: Creating Hegemony through Compromise. *Middle East Law and Governance*, v. 8, n. 2-3, p. 131-150, 2016.

ZINGARELLI, Megan E.. *The cnn effect and the al jazeera effect in global politics and society*. 1 ed. Washington: Georgetown university, 2010.

ZOLLNER, Barbara HE. The metamorphosis of social movements into political parties. The Egyptian Muslim Brotherhood and the Tunisian al-Nahda as cases for a reflection on party institutionalisation theory. *British Journal of Middle Eastern Studies*, v. 48, n. 3, p. 370-387, 2021.

CC BY NC SA